



Veredas Temática:

Linguística Latina: modelos, interpretações e análises linguísticas

Volume 23 nº 1 - 2019

**“E quando a autoridade dos antepassados não indicar o gênero, o que se deve fazer?”
Algumas palavras sobre a concepção de gênero gramatical segundo gramáticos latinos**

Carol Martins da Rocha (UFJF)

RESUMO: Nosso objetivo neste artigo é observar, ainda que de maneira não sistemática, o modo como alguns gramáticos antigos abordaram questões relacionadas ao gênero gramatical de nomes da língua latina. Para isso, selecionamos passagens do tratado *De Lingua Latina*, de Varrão (séc. I a.C.), e excertos de alguns gramáticos posteriores a esse autor, nos quais tal tópico é abordado. Para a seleção dos passos, levamos em consideração a menção aos conhecidos critérios varronianos de *natura*, *consuetudo*, *ratio* e *auctoritas*. Ao analisar as passagens, parece-nos que a noção de gênero gramatical está, por vezes, ancorada na oposição biológica entre os sexos masculino e feminino.

Palavras-chave: gênero gramatical; gramática latina; Varrão

Introdução

E quando a autoridade dos antepassados não indicar o gênero, o que se deve fazer? Varrão escreveu a Cícero: está em nosso poder dar um gênero àquelas coisas que não têm um gênero por natureza. (VAR. frag. 6)³⁵

Neste artigo³⁶ ensejamos observar, ainda que de maneira incipiente, o modo como alguns gramáticos antigos abordaram questões relacionadas ao gênero gramatical (em latim, *genus*) de substantivos da língua latina. Para isso, selecionamos principalmente passagens do tratado *De Lingua Latina* de Marco Terêncio Varrão (116 a.C. – 27 a.C.), prolífico autor romano, que escreveu textos não só sobre agricultura, retórica, geografia, mas também sobre gramática³⁷. Além disso, levamos em consideração ainda passagens de alguns gramáticos posteriores a Varrão, como Sérvio (séc. IV d.C.) e Pompeio (séc. V ou VI d.C.), nas quais aspectos que dizem respeito ao entendimento desse tópico são abordados³⁸. Vale ressaltar que nossa análise não se pretende sistemática: tal objetivo, a nosso ver, exigiria um estudo abrangente e, em grande medida, superior à proposta deste artigo.

Isso posto, iniciamos nossas observações procurando delimitar os campos semânticos abarcados pelas acepções que o termo *genus* recebeu na língua latina. Além disso, cotejamos passagens de gramáticos que comentam a explicação etimológica de tal léxico feita por Varrão, ensejando investigar qual seria a relação da compreensão do termo *genus* com a oposição biológica entre os sexos masculino e feminino. Na seção seguinte, selecionamos passagens do *De Lingua Latina* e também de comentários de gramáticos posteriores a Varrão a fim de examinar não apenas o modo como se determinou o gênero gramatical de um termo, mas também que reflexão tais autores fizeram sobre esse aspecto. Para a seleção das passagens, nos guiamos pela menção dos conhecidos critérios varronianos de *natura*, *consuetudo*, *ratio* e *auctoritas*.

³⁵ As traduções do latim aqui apresentadas, salvo indicação, são de nossa autoria. O texto latino que seguimos ao citar Varrão é o da edição da Loeb (VARRO, 1999). O texto que corresponde a esta passagem é o seguinte: *Et ubi auctoritas maiorum genus tibi non demonstraverit, quid ibi faciendum est? Scripsit Varro ad Ciceronem: 'Potestatis nostrae est illis rebus dare genera, quae ex natura genus non habent'*.

³⁶ Agradeço a Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso pela leitura da primeira versão desse texto, produzida por ocasião de uma disciplina de pós-graduação ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira, a quem também agradeço pelas sugestões feitas outrora. Aos pareceristas da revista e ao Prof. Dr. Rodrigo de Pinto Brito, agradeço pela leitura da versão atual e pelas sugestões.

³⁷ De toda a produção de Varrão, chegou-nos completa apenas a obra *De Res Rustica*, dividida em quatro livros, que tratam de temas relacionados à agricultura. Do *De Lingua Latina* restaram-nos, mesmo que de forma lacunar, os livros V a X, dos 25 que comporiam a obra.

³⁸ Cabe lembrar que, embora tais autores sejam modernamente chamados de gramáticos, sua prática e escopo não têm estrita correspondência com a ciência conhecida hoje como Gramática. Nesse sentido, lembramos que o que diz Trevizam, ao tratar dos estudos etimológicos de Varrão, também pode nos servir de guia no que diz respeito às observações gramaticais desse autor latino: “as etimologias elencadas por Varrão nos livros V, VI e VII de sua obra não correspondem, evidentemente, aos critérios de investigação filológica e linguística atuais: a esse respeito, grassa na obra grande liberdade de método” (TREVIZAM, 2002/2003, p. 185).

1. O que é *genus*?

Antes de passarmos à discussão das passagens selecionadas, consideramos importante observar que sentidos o termo *genus* assumiu na língua latina. Uma consulta ao *Oxford Latin Dictionary (OLD)* nos revela 13 acepções para tal vocábulo. A fim de propor um quadro esquemático, podemos dividir essas definições em três grupos semânticos. O primeiro deles abrange os sentidos de *genus* relacionados à ideia de origem, linhagem, descendência, como, por exemplo, os sentidos 1) “ancestral, descendente, nascimento, origem”³⁹; 2) “prole”⁴⁰ e 3) “nacionalidade, raça, nação”⁴¹. O segundo grupo diz respeito à ideia de um conjunto, cujos elementos compartilham determinadas características. É o caso, por exemplo, do sentido 4) “uma ordem de criaturas vivas, tipos e raças”⁴²; ou, então, do quinto sentido, que abrange “(em termos filosóficos e técnicos) uma classe que contém em si um número de tipos ou variedades subordinadas”⁴³; ou ainda da acepção 7) “um tipo, característica, classe (de seres humanos)”⁴⁴. Por fim, o sentido de *genus* que abarca a ideia de gênero, seja sexual, seja gramatical, a qual nos interessa neste momento, é o oitavo. Nessa acepção, temos na entrada a) “sexo; (gramatical), gênero” e na b) “(gramatical) voz, modo ou outra divisão verbal”⁴⁵.

Tomamos, então, os sentidos mencionados na oitava acepção de *genus*, para elencar passagens dos mencionados gramáticos antigos. Privilegiamos os excertos em que se discute, por exemplo, a origem dos gêneros de substantivos, ou então, a relação entre o gênero gramatical de um substantivo e seu sentido, digamos, correspondente no mundo real. Vejamos, a seguir, o modo como a ideia de gênero gramatical e sua relação com o uso da língua latina foi retratada por esses autores antigos.

2. Etimologia de *genus*

Um primeiro aspecto que gostaríamos de abordar é a alegada origem da palavra *genus*. Para isso, observemos a passagem a seguir, que consta dos comentários de Sérgio à *Ars grammatica* de Donato, conhecido gramático do século IV d.C.⁴⁶. Ali se comenta o que Varrão teria dito sobre a origem do termo *genera*, que, como sabemos, é plural de *genus*:

Agora falaremos sobre os gêneros. Varrão diz: ‘*genera* [‘gêneros’] são designados a partir de *generando* [‘gerar’].⁴⁷ Pois, o que *gignit* [‘gera’] ou *gignitur* [‘é gerado’] pode ser designado *genus* e pode produzir um gênero.

³⁹ *OLD*, *genus* 1) stock, descendent, birth, origin.

⁴⁰ *OLD*, *genus* 2) offspring.

⁴¹ *OLD*, *genus* 3) nationality, race, nation.

⁴² *OLD*, *genus* 4) an order of living creatures, kind, race.

⁴³ *OLD*, *genus* 5) (phil. and tech.) a class containing in itself a number of subordinate kinds or varieties.

⁴⁴ *OLD*, *genus* 7) a type, character, class (of human beings).

⁴⁵ *OLD*, *genus* 8) a sex; (gram.) gender. b (gram.) voice, mood, or other vbl. division.

⁴⁶ Sobre a atribuição de tal a obra a Sêrvio ou Sérgio, cf. o prefácio da edição de Keil e Mommsen (2009, p. LII-LIV).

⁴⁷ No texto latino temos o gerúndio no caso ablativo, *generando*. Por uma questão de clareza, preferimos adotar, na tradução, a forma infinitiva do verbo “gerar”.

Quanto a isso, se é verdade, nada pode ter um gênero perfeito a não ser o masculino e o feminino.⁴⁸ (VAR. frag. 7a)

Notemos que, nas reportadas palavras do gramático latino, o termo *genus* parece estar associado ao verbo *generare* não apenas morfológicamente – relação que, a nosso ver, parece ser reforçada pela presença de diferentes termos oriundos da mesma raiz *gen-* na passagem. Há ainda uma ênfase na relação semântica entre tais léxicos, colocando em destaque a ideia de algo que produz, que gera.

Tal associação entre a origem do termo e o verbo que designa o ato de gerar não se restringe à passagem que mencionamos acima. Em outro fragmento da obra varroniana, temos avaliação semelhante. Dessa vez, o trecho é reportado por Pompeio, também num comentário a *Ars* de Donato, escrito provavelmente entre os séculos V e VI d.C. O texto é o seguinte:

Trata dos gêneros. Varrão diz: ‘os gêneros são tão somente as coisas que geram. Essas são propriamente chamadas de gênero’. Quanto a isso, se seguirmos a autoridade dele, não haveria mais de dois gêneros, o masculino e o feminino, pois nenhum gênero é capaz de criar a não ser esses dois.⁴⁹ (VAR. frag. 7b)

A informação sobre a relação entre o termo *genus* e a ideia de gerar é registrada por Pompeio de forma um pouco diferente da mencionada por Sérgio. Aqui, a nosso ver, se coloca em destaque a restrição que essa relação causa na concepção da abrangência dos possíveis gêneros gramaticais. Isso se dá não somente pela escolha lexical – destacamos os advérbios *tantum* (“tão somente”) e *proprie* (“propriamente”) –, mas também pelo conteúdo do comentário metalinguístico que segue à citação das palavras de Varrão. Como vemos na passagem, para o comentador de Donato, aceitar a autoridade (*auctoritatem*) de Varrão implicaria a exclusão de outros gêneros que não o masculino e o feminino, já que apenas esses poderiam envolver a reprodução.

Parece-nos, então, que, embora ambas as explicações que dizem respeito ao termo *genus* tenham caráter etimológico, há implícita aqui uma ideia de outra ordem. Tanto na etimologia apresentada por Sérgio quanto no comentário de Pompeio, na relação estabelecida entre a origem de um gênero e o ato de criação há como pressuposto, em maior ou menor grau, as noções de masculino e feminino, associadas à ideia de que tais elementos são necessários à reprodução.

Ao mencionar a *auctoritas* de Varrão, Pompeio não apenas alude a um dos critérios que o gramático do século I a.C. emprega amplamente, mas parece acrescentar ainda um outro fator ao estranhamento sobre a restrição que a ideia de reprodução implica. Aceitar a autoridade de Varrão significaria contrariar uma realidade dada: isto é, que os termos da língua latina não se restringem apenas ao gênero masculino e feminino. Com isso, acreditamos estar subentendido, na avaliação de Pompeio, o fato de que a ideia da capacidade de reprodução não pode (ou não deve) servir de guia (ou ao menos, não como único) para se determinar o gênero de um termo.

⁴⁸ *Nunc de generibus dicamus. Varro dicit “genera dicta a generando. Quicquid enim gignit aut gignitur, hoc potest genus dici et genus facere.” Quod si verum est, nulla potest res integrum genus habere nisi masculinum et femininum.*

⁴⁹ *Tractat de generibus. Varro ait “genera tantum illa esse quae generant: illa proprie dicuntur genera.” Quodsi sequemur auctoritatem ipsius, non erant genera nisi duo, masculinum et femininum. Nulla enim genera creare possunt nisi haec duo.*

3. Critérios para a definição do gênero gramatical de um nome

Segundo Anthony Corbeill (2008, p. 96), a *auctoritas* não é o único recurso empregado pelos gramáticos antigos para se determinar o gênero de um termo. O estudioso apresenta ainda outros três critérios adotados por gramáticos tardios, com base no pensamento gramatical de Varrão, quando se tratava da designação de um termo como masculino, feminino ou neutro. Embora reconheça que a definição e a aplicação desses critérios tenham diferido ao longo da tradição gramatical, Corbeill os lista interessado apenas no modo como eles são aplicados na avaliação do gênero gramatical. Vejamos, então, o que diz o estudioso:

Em ordem descendente de importância, [*sc.* os critérios] são: primeiro, *natura* ou as distinções de sexo natural como herdadas pelos falantes nativos; depois, *ratio*, os usos da morfologia ou da etimologia, que podem ser considerados em conjunto com o terceiro critério, *consuetudo* ou ‘uso’; finalmente, quando todos os outros falharem, há como recurso a sempre imprecisa *auctoritas*.⁵⁰

Na ordem mencionada por Corbeill, temos como primeira categoria a *natura*, ou seja, a natureza. Esse seria o critério que leva em conta, sobretudo, a relação entre o gênero sexual dos seres animados e seu gênero gramatical: seres vivos do sexo masculino têm gênero gramatical masculino e assim por diante. O segundo critério, a *ratio* (“razão”), estaria mais relacionado à estrutura da língua latina, às suas regras e analogias. Um exemplo é o emprego da morfologia – embora a relação por ela oferecida seja inconsistente – para se determinar o gênero de um nome. Na sequência, temos *consuetudo*: o uso (é claro, tal como o dos falantes letrados da elite). Tal categoria, que se assemelha à *ratio*, embora leve em consideração as regras fixas da língua, abre espaço ainda para suas contínuas mudanças. Por fim, como último recurso, quando os demais critérios, isto é, a biologia, a morfologia ou o uso, não são suficientes, seria possível recorrer à autoridade, a *auctoritas*⁵¹ – novamente limita-se aqui aos exemplos do que hoje chamamos de norma culta, calcados, principalmente, no uso que os autores canônicos da literatura latina fizeram da língua.

Para exemplificar um desses critérios, citamos passagem de Plínio o Velho na obra *Dubius Sermo*, publicada em oito livros e mencionada por seu sobrinho numa de suas epístolas. Ali o douto autor relata um conselho de Varrão sobre como se resolver dúvidas sobre o gênero de um termo latino:

⁵⁰ “In descending order of importance these are: first, *natura* or the distinctions of natural sex as inherited by native speakers; then *ratio*, the applications of morphology or etymology, which can be considered in tandem with the third criterion, *consuetudo* or ‘usage’; finally, when all else fails, recourse is had to often elusive *auctoritas*.” (Corbeill, 2008, p. 96. Tradução nossa).

⁵¹ Corbeill traz em nota interessante observação de Barwick sobre o termo *auctoritas*: “*auctoritas*...; isto é, o uso linguístico de um autor, que não se sustenta nem em *natura*, nem em *ratio*, nem em *consuetudo*. Ele [o uso linguístico] resta como último refúgio, quando os três primeiros critérios falham” (“*auctoritas*...”, d.i. der Sprachgebrauch eines Schriftsteller, der sich weder auf *natura* noch auf die *ratio* oder *consuetudo* stützt. Er bleibt als letzte Zuflucht übrig, wenn die drei ersten Instanzen versagen”). (K. Barwick. *Remmius Palaemon und die römische “Ars grammatica”*. Leipzig: B. G. Teubner, 1992, p. 184 *apud* Corbeill, 2008, p. 96; tradução nossa).

Diz Plínio, de acordo com Varrão: ‘quando tivermos dúvida sobre o gênero primário, voltemos ao diminutivo e, a partir do diminutivo, conhecemos o gênero primário. Imagine que eu não sei qual é o gênero de *arbor* [‘árvore’]: forme o diminutivo, *arbuscula* [‘arvorezinha’], e aí está. Do diminutivo, você compreende qual é o gênero primário. Da mesma maneira, se disser *columna* [‘coluna’], de que gênero é? Forme daí o diminutivo, que é *columella* [‘coluninha’], e, então, você compreende que o termo primário é do gênero feminino.’⁵² (VAR. frag. 9)

É perceptível que, nesse caso, o único critério oferecido é a *ratio*, representada por uma lógica que diz respeito à morfologia: partindo do diminutivo de um termo, seria possível perceber a que gênero ele pertence. Mas essa regularidade nem sempre é tão evidente quando se trata da definição do gênero de um vocábulo. Vejamos a seguir uma seleção de passagens não apenas da obra de Varrão, mas também de outros autores latinos que, de algum modo, refletem o emprego – ou refletem sobre ele – dos demais critérios varronianos apontados, ou seja, *natura*, *consuetudo* e *auctoritas*.

4. *Natura, consuetudo e auctoritas*

O primeiro excerto que gostaríamos de destacar é de Varrão. Nesse passo, o gramático, ao comentar sobre as regularidades da língua latina, disserta sobre os possíveis gêneros de uma palavra:

Cada um desses (*sc.* tipos de palavras) deve ser de três tipos em relação ao gênero, ao número e ao caso: gênero **masculino**, **feminino** ou **neutro**, como *doctus*, *docta*, *doctum* [‘douto’].⁵³ (VAR. L. 8. 46; grifos nossos).

Inicialmente é a escolha lexical do gramático que nos chama a atenção. Em primeiro lugar, o que traduzimos por “gênero” é o termo latino *sexus*. Embora um dos sentidos previstos pelo *OLD* para tal substantivo seja exatamente o de “gênero gramatical”,⁵⁴ o primeiro sentido apontado pelo dicionário é: “o estado de ser masculino ou feminino ou das qualidades associadas a isso”.⁵⁵ Parece-nos curioso que Varrão empregue um termo cuja semântica possa remeter a essa dualidade entre os dois gêneros, nas palavras dos autores citados anteriormente, “capazes de gerar”.

Nesse sentido, vale ressaltar ainda os vocábulos usados pelo gramático para designar o gênero masculino e feminino, respectivamente *uirilis* (na passagem, no ablativo *uirile*) e *muliebris* (no ablativo *muliebre*). Em outras passagens do tratado, Varrão opta pelos termos *masculus* (“masculino”) e *femininus* (“feminino”), como, por exemplo, no parágrafo 47 do

⁵² *Ait Plinius Secundus secutus Varronem: ‘Quando dubitamus principale genus, redeamus ad diminutionem, et ex diminutiuo cognoscimus principale genus. Puta arbor ignoro cuius generis sit: fac diminutiuum arbuscula, ecce hinc intellegis et principale genus quale sit. Item si dicas columna, cuius generis est? Facis inde diminutiuum, id est columella, et inde intellegis quoniam principale feminini generis est.’*

⁵³ *Haec singulatim triplicia esse debent quod <ad> sexum, multitudinem, casum: sexum, utrum uirile an muliebre an neutrum sit, ut doctus docta doctum.*

⁵⁴ Trata-se do sentido 1b, que, inclusive, menciona essa passagem varroniana: “(gram.) gênero” (“(gram.) gender”).

⁵⁵ Este é o sentido 1a: “the state of, or specific qualities associated with, being male or female”.

mesmo livro, que veremos adiante. Como sabemos, o adjetivo *uirilis* deriva de *uir*, substantivo usado, muitas vezes, para designar “homem”, não no sentido generalizante de “humano”, mas em oposição ao sexo feminino.⁵⁶ Mais uma vez, a escolha de tais adjetivos não parece casual, sobretudo se lembrarmos da etimologia proposta pelo autor para o termo *genus*, a qual citamos acima.

Parece ainda reforçar nossa impressão de que há, neste excerto, ênfase na oposição entre os dois gêneros sexuais o fato de que, em passagem posterior do *De Lingua Latina*, Varrão acrescenta uma explicação referente aos sentidos de *uirilis* e *muliebris*. O passo é o que apresentamos a seguir:

Assim, diz-se que o homem se chama *Perpenna*⁵⁷ [‘Perpena’], assim como *Alfena* [‘Alfena’], com a forma feminina. E, de modo contrário, *paries* [‘parede’] assim como *abies* [‘abeto’] são semelhantes na forma, embora se defina este como vocábulo masculino e aquele como feminino, enquanto ambos são neutros por natureza. Dessa maneira, dizemos que é **masculino** não o que significa homem, mas aquilo a que antepomos *hic* (‘este’) e *hi* (‘estes’); e são **femininas** aquelas palavras para as quais podemos dizer *haec* (‘esta’) e *hae* (‘estas’).⁵⁸ (VAR. L. 9. 41; grifos nossos)

Como vemos, a explicação de Varrão diz respeito à forma das palavras, que nem sempre é determinante para a especificação de seu gênero, como no caso dos citados substantivos *paries* (‘parede’) e *abies* (‘abeto’), que são semelhantes quanto à forma e opostos quanto ao gênero. É interessante notar ainda que, tanto ao exemplificar seu raciocínio quanto na explanação sobre a determinação do gênero pela anteposição dos pronomes demonstrativos *hic* e *haec*⁵⁹, Varrão se omite quanto ao gênero neutro.

Mas observemos ainda outras duas passagens em que se aborda a natureza do gênero gramatical. Ambas fazem parte de uma discussão de Varrão sobre a regularidade da língua latina. A primeira é registrada no oitavo livro da obra:

Tendo sido essas partes divisadas, examine atentamente uma a uma para que veja mais facilmente que não há regularidades que devemos seguir. Certamente convinha existir três formas, como em *humanus*, *humana*, *humanum* [‘humano’], mas algumas têm duas formas, como *cervus* [‘veado’], *cerva* [‘veada’], outras, uma forma, como *aper* e assim acontece com muitas. Portanto, não há regularidade nesse tipo de classe.⁶⁰ (VAR. L. 8. 47)

⁵⁶ Cf. sentido 1 do *OLD*: “um homem adulto, um homem (em contraste expresso ou implícito com a mulher) (“an adult male person, a man (in expressed or implied contrast with woman)”).

⁵⁷ Por uma questão de clareza, optamos por indicar, na tradução, os substantivos usados na exemplificação das passagens sempre no nominativo, embora, por vezes, no texto latino, tais termos apareçam no caso adequado à construção gramatical ali empregada.

⁵⁸ *Sic dici virum Perpennam ut Alfenam muliebri forma et contra parietem ut abietem esse forma similem, quo <m> alterum vocabulum dicatur virile, alterum muliebre et utrumque natura neutrum sit. Itaque ea uirilia dicimus non quae uirum significant, sed quibus proponimus hic et hi, et sic muliebria in quibus dicere possumus haec et hae.*

⁵⁹ Como veremos, o termo *paries* também é empregado por Sêrvio. O editor da edição da Loeb do tratado varroniano sobre a língua latina chama a atenção, em nota, para o uso comum por parte dos gramáticos dos pronomes *hic*, *haec*, *hoc* para indicar o caso, número e gênero de uma palavra (VARRO, 1999b, p. 468).

⁶⁰ *His di<s>cretis partibus singulas perspice, quo facilius nusquam esse analogias quas sequi debeamus videas. Nempe esse oportebat vocis formas ternas, ut in hoc humanus humana humanum, sed habent quaedam binas, ut cervus cerva, quaedam singulas, ut aper, et sic multa. Non ergo est in huiuscemodi generibus analogia.*

Afirmações semelhantes constam também do nono livro do tratado varroniano. Ali o gramático antigo disserta primeiramente sobre a divisão da natureza em três gêneros (masculino, feminino ou neutro). Nesse sentido, Varrão aponta novamente para o fato de que, embora alguns substantivos tenham uma forma para cada gênero, para muitos outros, no entanto, há apenas duas, ou então, uma única forma:

Afirmam que, uma vez que toda a natureza é masculina ou feminina ou neutra, deveriam existir três formas gramaticais de todas as palavras, como *albus*, *alba*, *album* [‘branco’]. Agora existem para muitas coisas dois termos, como *Metellus* [‘Metelo’] e *Metella* [‘Metela’], *Aemius* [‘Emílio’] e *Aemia* [‘Emília’]; algumas coisas têm apenas um termo, como *tragoedus* [‘ator trágico’], *com<o>edus* [‘ator cômico’]. Assim, há *Marcus* [‘Marco’], *Numerius* [‘Numério’], mas não *Marca* e *Numeria*. Diz-se *coruus* [‘corvo’], *turdus* [‘tordo’], mas não se diz *corua*, *turda*. De outro modo, diz-se *panthera* [‘pantera’], *merula* [‘melro’], mas não se diz *pantherus* ou *merulus*.⁶¹ (VAR. L. 9. 55)

Podemos notar que Varrão reconhece que a língua não segue a regularidade da natureza. Embora, segundo o gramático, toda a natureza (*omnis natura*) seja tripartite, isso não significa que todos os léxicos terão três formas gramaticais representando os diferentes gêneros. Parece relevante destacarmos dois aspectos que dizem respeito aos exemplos do excerto. Por um lado, mais uma vez, não temos uma preocupação quanto ao gênero neutro. À exceção da forma neutra do adjetivo *albus*, todos os demais termos citados parecem opor sempre a ideia de masculino e feminino. Isso se dá de duas maneiras. A primeira é a menção de nomes com formas masculinas e formas femininas e correspondentes reais respectivamente masculinos e femininos, como *Metellus* e *Metella*. A segunda é a menção de nomes de animais que, por um lado, não têm no léxico uma forma feminina (como é o caso de *coruus*) e, por outro, embora na forma possam parecer palavras femininas, designam, se não o macho da espécie, ao menos a ideia geral masculina, como *panthera*. Além disso, um segundo ponto que merece destaque, a nosso ver, é o fato de que todos os exemplos mencionados pelo gramático remetem a uma oposição no mundo sensível entre o sexo feminino e o masculino.

Na sequência do trecho que acabamos de cotejar, Varrão examina a questão da influência de um uso da língua que se baseia na percepção dessa oposição no mundo real entre o sexo feminino e o masculino. Aqui o gramático trata da motivação para que, naquela sincronia da língua latina, existam os termos *columbus* e *columba*:

Em relação a isso, dizemos que, embora o objeto subsista na natureza de todo discurso, se o objeto **não se manifestar em seu uso**, as palavras não o alcançarão. Assim sendo, diz-se *equus* [‘cavalo’] e *equa* [‘égua’]: pois, **no uso**, há distinção entre eles; *coruus* [‘corvo’] e não *corua*, pois, o que há de diferente na sua natureza, não se manifesta no uso. Assim, certas palavras [são empregadas] de outro modo outrora e agora: pois, antigamente, todas as

⁶¹ *Negant, cum omnis natura sit aut mas aut femina aut neutrum, <non> debuisse ex singulis uocibus ternas figuras uocabulorum fieri, ut albus alba album; nunc fieri in multis rebus binas ut Metellus Metella, Aemius Aemia, nonnulla singula, ut tragoedus, com<o>edus; sic esse Marcum, Numerium, at Marcam, at Numeriam non esse; dici coruum, turdum, non dici coruam, turdam; contra dici pantheram, merulam, non dici pantherum, merulum.*

pombas, machos e fêmeas, eram chamadas *columba*, porque delas não se fazia um uso doméstico como agora, <e agora> pelo contrário, porque distinguimos graças ao uso doméstico, diz-se *columbus* ['pombo'] no masculino e *columba* ['pomba'] no feminino.⁶² (VAR, L. 9, 56; grifos nossos)

Parece claro que o escopo do comentário varroniano aqui é o fato de não haver regularidade na representação que a língua deveria fazer da natureza com termos distintos para seres de gêneros distintos. A explicação para a existência de um termo que identifique o representante masculino da espécie dos equinos e outro para o representante feminino e para que o mesmo não ocorra em relação aos corvos não diz respeito ao fato de que, na natureza, esses animais têm sexos opostos. Ocorre que, ao menos segundo aponta Varrão, o uso que os romanos faziam da língua para designar tais animais não se basearia obrigatoriamente na diferenciação pelo seu gênero sexual, não implicando a existência de um termo feminino e um termo masculino para designá-los.

Embora o vocábulo registrado na passagem seja *usus*, temos nítido exemplo do emprego do critério de *consuetudo* por parte do gramático latino para a atribuição de gênero a um substantivo. O que, em nossa opinião, torna a passagem ainda mais interessante é o fato de haver aqui um registro da percepção de como o uso e, nesse caso, principalmente aquele relacionado à necessidade de expressar linguisticamente a oposição entre os sexos, é capaz de modificar a língua.

Há, nas discussões que vimos acima, um elemento comum: trata-se do fato de que os vocábulos usados como exemplo designam objetos que têm na sua contraparte real a distinção sexual. Em outras palavras, Varrão está tratando, nas três passagens logo acima mencionadas, de termos que designam um ser animado masculino e um feminino, mas que, nem sempre, têm um vocábulo específico para cada um dos sexos. Qual é, contudo, a posição dos gramáticos em relação a palavras que representam seres inanimados ou cujo gênero não pode ser vinculado a uma oposição sensível entre masculino e feminino?

O primeiro excerto que selecionamos para tratar dessa questão é de um gramático do século V d.C., de nome Consêntio. Neste trecho, o autor explica que critério teria sido adotado para se definir o gênero dos seres inanimados:

E assim, visto que [*sc.* os gêneros] começaram a ser designados nos nomes dos seres animados, com o **costume** o procedimento se estendeu, de modo que também aquilo que era desprovido de gênero era julgado como do gênero masculino ou feminino, como *aer* ['ar'], *portus* ['porto'], *terra* ['terra'] e *domus* ['casa'].⁶³ (Consêntio, *gramm.* Keil V 342.21-24; *apud* Corbeill, 2008, p. 92; grifos nossos).

Como é possível perceber, segundo Consêntio, a atribuição de um gênero “àquilo que era desprovido de gênero” seguiu o costume (*consuetudo*) aplicado aos seres animados. Por um

⁶² *Ad haec dicimus, omnis orationis quamuis res naturae subsit, tamen si ea in usu<m> non peruenerit, eo non peruenire uerba: ideo equus dicitur et equa: in usu enim horum discrimina; coruus et corua non, quod sine usu id, quod dissimilis natura<e>. Itaque quaedam al<i>ter olim ac nunc: nam et tum omnes mares et feminae dicebantur columbae, quod non erant in eo usu domestico quo nunc, <et nunc> contra, propter domesticos usus quod internouimus, appellatur mas columbus, femina columba.*

⁶³ *Quoniam ita <sc. genera> appellari coepta sunt in nominibus animantium, extenta res est consuetudine, ut etiam haec quae essent sexuum expertia masculino genere aut feminino genere censerentur ut aer portus terra domus.*

lado, como aponta Corbeill (2008, p. 92-3), parece estar subentendida aqui a ideia de que é possível estabelecer uma analogia, no que diz respeito à percepção do gênero sexual de seres inanimados, com a divisão aplicada aos seres animados, calcada na oposição entre os sexos. Contudo, infelizmente, nem os exemplos nem a explanação de Consêntio nos permitem entender de que modo se daria essa analogia – que elementos (semânticos, morfológicos) de *aer*, *portus*, *terra* ou *domus* permitiriam que os falantes o associassem à concepção de gênero masculino, feminino ou (o ainda mais nebuloso) neutro?

Numa passagem do comentário de Sêrvio (séc. IV d.C.) à gramática de Donato, também temos registro do tema da oposição entre termos que têm um gênero “natural” e aqueles que tiveram seu gênero “artificialmente” atribuído. Vemos, no excerto que citamos abaixo, que, além da natureza, a *auctoritas* pode servir como critério nesses casos:

Os gêneros, porém, ou são **naturais** ou provêm da **autoridade**: são naturais, por exemplo, *uir* [‘homem’], *mulier* [‘mulher’]; descendem da autoridade, por exemplo, *hic paries* [‘esta parede’], *haec fenestra* [‘esta janela’]. Nessas palavras, na verdade, não percebemos nenhum gênero **natural**, mas seguimos aquilo que a **autoridade** afirmou.⁶⁴ (Sêrvio, *gramm.* Keil IV 407.39; 408.1-5; grifos nossos)

Atendo-nos aos exemplos mencionados pelo gramático, percebemos que o que se chama aqui de “gênero natural” parece, na verdade, ser a associação direta entre gênero sexual masculino, no caso de *uir*, e feminino, no de *mulier*, e o gênero gramatical masculino e feminino. No caso de *paries* e *fenestra*, em que tal associação – ao menos de forma direta – não é possível, o único critério passível de ser adotado seria o da autoridade. Vale ainda ressaltar que, enquanto *uir* e *mulier* são mencionados isoladamente – como se expressassem seu gênero *per se* –, os exemplos de termos sem gênero natural vêm precedidos exatamente dos pronomes que Varrão afirma determinarem o que é do gênero masculino e o que do gênero feminino no parágrafo 41 do nono livro do *De Lingua Latina*, de que tratamos acima.

Por fim, julgamos válido pensar ainda sobre a primazia da *auctoritas* quanto a esse assunto. Na passagem de Sêrvio, nada se diz sobre quais critérios essa autoridade adotaria para definir o gênero de *paries* e *fenestra*, por exemplo. A informação parece ser entendida como ponto pacífico.

No entanto, é reconhecida a falibilidade ou certa suspeita em relação à autoridade. Para ilustrar isso, destacamos uma passagem do gramático Flávio Carísio (séc. IV d.C.) que critica essa espécie de “altar sagrado” em que a *auctoritas* teria se tornado: “quando todas as coisas tiverem faltado, então, se corre até ela [*sc.* a autoridade] do mesmo modo que a um altar sagrado.”⁶⁵ (Char. *gramm.* 63.3-5 B; *apud* Corbeill, 2008, p. 98). Para além da suspeita sobre a validade de tal critério, lembremo-nos ainda de que até mesmo Varrão reconhece a possibilidade de que “os primeiros que impuseram nomes às coisas” talvez tenham errado.⁶⁶

⁶⁴ *Genera autem aut naturalia sunt, aut ex auctoritate descendunt: naturalia sunt, ut uir mulier; auctoritate descendunt, ut hic paries, haec fenestra. in his enim naturalem nullum intellegimus sexum, sed eum sequimur, quem firmavit auctoritas.*

⁶⁵ *Vbi omnia defecerint, sic ad illam [sc. auctoritatem] quem ad modum ad aram sacram decurritur.*

⁶⁶ “Pois aqueles que primeiro deram nomes às coisas talvez em alguns casos tenham falhado” (*et enim illi qui primi nomina imposuerunt rebus fortasse an in quibusdam sint lapsi*; VAR. L. 8.7).

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, observar de que modo os gramáticos antigos trataram a questão do gênero gramatical dos nomes latinos. Ao observar passagens de Varrão e também de outros gramáticos da tradição latina, percebemos que, de maneira geral, a ideia de uma oposição calcada na percepção dos seres animados que têm sexo masculino e feminino parece estar subjacente no modo como se explica a atribuição do gênero gramatical aos substantivos. Como procuramos delinear em nossas breves observações, nossa impressão é que, na maior parte dos excertos que selecionamos, se a oposição entre feminino e masculino não é explícita, ela serve como base para a adoção de outros critérios que não a *natura* na determinação do gênero gramatical dos nomes.

Acreditamos, contudo, que o assunto merece uma abordagem mais sistemática e profunda. Ainda que tal tarefa ultrapasse o escopo deste artigo, julgamos que seria profícuo avaliar mais detidamente, por exemplo, não apenas a compreensão que se tem sobre o gênero neutro – e o quanto ela influencia o entendimento em relação aos outros dois gêneros e sua relação com o sexo biológico dos seres animados –, mas também o modo como a definição dos gêneros gramaticais é abordada ao longo de toda a obra varroniana a que temos acesso.

“Where the authority of our ancestors has not shown you the gender of a word, what in this instance must be done?”

Some words on the concept of grammatical gender, according to Latin grammarians

ABSTRACT: Our aim is to trace, although not systematically, the way that some ancient grammarians dealt with questions related to the grammatical gender of the nouns in the Latin language. In order to do this, we examined selected passages of Varro's (I b.C.) *De Lingua Latina* and of ancient grammarians that lived after him and discussed this topic. This selection was guided by the mention of the known Varronian criteria of *natura*, *consuetudo*, *ratio* and *auctoritas*. As a result, it seems that the concept of grammatical gender is, at least partially, essentially related to the biological opposition between the sexes.

Keywords: grammatical gender; Latin grammar, Varro.

Referências

CODOÑER, Carmen. (Ed.). *Historia de la literatura latina*. Madri: Catedra, 1997.

CORBEILL, Anthony. Genus quid est? Roman Scholars on Grammatical Gender and Biological Sex. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 138, n. 1, p. 75-105, 2008.

FORTES, Fábio S. *Os marcadores discursivos no latim: considerações pragmáticas e textuais sobre as preposições, interjeições e conjunções latinas em Donato e Prisciano*. 2008. 130 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

GLARE, P. G. W. (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

KEIL, Heinrich; MOMMSEN, Theodor. (Eds.). *Grammatici Latini – Volume 4: Probi, Donati, Servuii qui feruntur de arte grammatica libri, et Notarum laterculi*. New York: Cambridge University Press, 2009 [versão digitalizada da edição de 1864 publicada pela Teubner].

PEREIRA, Marcos A. *Quintiliano Gramático – o Papel do Mestre de Gramática na Institutio Oratoria*. 2ª edição. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

TREVIZAM, Matheus. Das especulações ‘etimológicas’ antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica*, v. 15/16, p. 179-88, 2002/2003.

_____. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. 526. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

VARRO *On the Latin Language*. Books VIII-X; Fragments. Tradução para o inglês de Roland G. Kent. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

VON ALBRECHT, Michael. *A History of Roman Literature – from Livius Andronicus to Boethius: with Special Regard to its Influence on World Literature*. Vol. 1 e 2. Leiden, New York, Köln: Brill, 1996.

Data de envio: 19 de abril de 2019

Data de aceite: 23 de agosto de 2019